

## "TUDO ISTO É FADO": O FADO E A IDENTIDADE PORTUGUESA

Flávia Belo S. Branco

Mestranda, PPGH- UERJ, bolsista Capes

[flaviabelosb@yahoo.com.br](mailto:flaviabelosb@yahoo.com.br)

Neste texto, faço apenas uma breve apresentação do meu trabalho (que venho desenvolvendo no curso de mestrado na UERJ sob a orientação do professor Francisco Martinho) e uma visão geral sobre três entrevistas feitas, até o momento, para a minha pesquisa, intitulada "O fado nos trópicos: imigração, fado e identidade no Brasil". Esta consiste na análise de como o fado é parte integrante da identidade do imigrante português no Brasil, a partir dos anos 1950.

Sempre me perguntei: de que maneira este tipo musical marca a identidade portuguesa, e se ele é um elemento fundamental em sua constituição. Não me refiro ao português de hoje, mas do que viveu no período do Estado Novo, que viu o fado e Amália Rodrigues no máximo de sua ascensão, enfim, que viveu a época em que o fado fazia sucesso no mundo.

A maneira mais interessante de conseguir respostas para os meus questionamentos foi através de conversas com os próprios imigrantes, e mais interessante ainda foi o fato destes imigrantes serem intérpretes do fado. Escolhi justamente os fadistas (ou melhor, eles me escolheram) para serem entrevistados, pois acredito que entre eles a memória do fado deve ter sido construída de uma maneira especial, já que fazem do fado uma profissão.

Sendo que devemos ter bastante atenção, já que estes artistas podem valorizar ainda mais o gênero musical se compararmos com outro imigrante português, já que ele move suas carreira e suas vida. Deve-se também considerar que há imigrantes portugueses deste período que não gostam de fado. Mas no caso específico desta pesquisa, trabalhamos com fadistas portugueses que fizeram e fazem suas carreiras no Brasil, como imigrantes portugueses.

Desta maneira, em minha pesquisa vou tratar da questão da identidade e da memória através de narrativas. As entrevistas têm partido da abordagem da *história de vida* dos entrevistados. Portanto, o estudo não deixa de ser biográfico.

Para entender um pouco mais a minha hipótese de trabalho, é necessário traçar uma resumida trajetória do fado até os anos do Estado Novo português: não podemos separar a ascensão deste tipo de música do período em questão. Só desta maneira

percebemos como o fado sai de Lisboa obtém fama internacional na metade do século XX.

São muitas as hipóteses para o surgimento do fado, mas não é a sua origem o que interessa neste trabalho. Mesmo assim, é essencial saber que a guitarra portuguesa surgiu possivelmente no início do século XIX, como uma adaptação da guitarra inglesa, introduzida em Portugal no século anterior. As duas eram muito populares no meio erudito, mas com o popularidade do piano nesta época, a guitarra portuguesa caiu em desuso neste meio. A partir de então popularizou-se entre os artistas populares lisboetas, caindo de vez nas graças do fado a partir da década de 1840. O fado surge com a guitarra, é ela a sua alma.

Desde o seu nascimento até o estabelecimento Estado Novo de António de Oliveira Salazar o fado, gênero musical originalmente lisboeta e, portanto, urbano e popular, foi marginalizado, seguindo o mesmo caminho que o samba, até ser consagrado como música nacional. Se disseminou por Portugal até a década de 1940, quando, após a Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo, diante das pressões internacionais a favor da democratização do país, se apropriou do gênero musical para obter alguma popularidade. Até que o fado se tornou o símbolo de Portugal.

Antes disso, é importante ressaltar que o Estado Novo dava mais atenção à cultura popular das zonas rurais. O folclore foi sempre considerado manifestação mais legítima, que traduzia o lado bom, puro do português. A cultura popular urbana, nomeadamente o fado, não recebia tanta atenção da parte oficial até o fim da Segunda Guerra. Havia, inclusive, críticos do fado.

Um exemplo disso foram as oito conferências transmitidas pela Rádío Emissora Nacional no ano de 1936 por Luís Moita, que viraram um livro chamado *Fado Canção de Vencidos*. Nesta obra, dedicada à Mocidade Portuguesa, o autor sustenta a idéia de que o fado revela e estimula a inferioridade do povo português, devido ao seu sentimentalismo. Cita com exemplo a ser seguido as canções populares alemãs, sempre alegres.

*A Nação nas Malhas da Sua Identidade: o Estado Novo e a construção da identidade nacional*, de Luis Cunha, trata da construção da identidade nacional portuguesa no período do Estado Novo, precisamente entre os anos 1934 e 1940, devido a três grandes marcos comemorativos do período. São eles: a I Exposição Colonial Portuguesa (1934), o Concurso da Aldeia Mais Portuguesa de Portugal (1938) e a

Exposição do Mundo Português (1940).

Estes eventos estão intrinsecamente relacionados aos três níveis do imaginário do Estado Novo, a partir dos quais o autor desenvolve as suas idéias: o fascínio imperial, os valores das tradições populares e o valor da história portuguesa, marcada por seus santos e heróis. O autor mostra que este regime tinha o projeto de fundir a história e a tradição, orientando a nação para um reencontro consigo própria.

Apesar de o Estado Novo português ser muito marcado pelo valor dado ao passado, à história, juntamente com seus ícones, tem a intenção de orientar um projeto de futuro. São as tradições populares, a idéia de raça e a fé cristã que dão sentido à ação social do discurso político e alimentam a alma nacional.

Não era muito definida uma política oficial para a cultura popular urbana, haja vista

“promoção pelo Estado Novo e a imposição à imposição de um modelo nacionalista-ruralista-tradicionista de cultura popular, com o duplo objectivo de legitimar politicamente o regime e de estabelecer um consenso social em torno de um conjunto de valores, imagens e práticas culturais.”<sup>1</sup>

Portanto, o fado não deveria mesmo estar nos planos de Salazar. Mesmo assim, desde os anos 1930 até os anos 1950 Portugal viveu o que Eduardo Sucena chama de época de ouro do fado.

Neste período surgiram artistas eternizados em canções que até nos dias de hoje representam o fado. Ercília Costa e Hermínia Silva foram as primeiras fadistas a representar Portugal pelo mundo através de suas interpretações, sendo inclusive convidadas pela propaganda do Estado Novo a fazer digressões internacionais, como aconteceu posteriormente com Amália Rodrigues, que fez grandíssimo sucesso.

Enquanto isso, no Brasil o fluxo migratório havia caído bastante a partir de 1929, por causa da grande crise econômica, dos riscos de atravessar o oceano a partir do início da Segunda Guerra, e também das políticas antimigratórias de Vargas. Com a abolição gradual das mesmas, se dá a recuperação do fluxo migratório, efetivamente, a partir de 1945 com um Decreto que considera a imigração fator de progresso nacional.

Nesta época, o fado tinha muita notoriedade não apenas em Portugal, como também no Brasil – não é à toa que na maioria das casas onde se tocava e se toca o fado

---

<sup>1</sup> MELO, Daniel. *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

por aqui, a maioria do público era composta por brasileiros- “A Desgarrada”, restaurante localizado em Ipanema, que pertencia à cantora Maria Alcina, onde cantaram Amália Rodrigues e Carlos do Carmo, e a Adega Lisboa Antiga, de Teresinha Alves, Adélia Pedrosa e Joaquim Pimentel, são dois exemplos.

É neste contexto, mais especificamente nos anos 1950, que chegam ao Brasil as pessoas com quem dialogo em minha pesquisa: as cantoras Adélia Pedrosa, Terezinha Alves e Maria de Lourdes. As três cantoras não são naturais de Lisboa, não tinham intimidade alguma com o fado quando viviam em Portugal, mas revelaram-se grandes fadistas no Brasil, obtendo prestígio entre a colônia portuguesa, indo a programas de televisão e rádio e fazendo shows pelo Brasil, e por alguns países, inclusive Portugal.

Cheguei a estas artistas através de redes sociais na internet. Por falta de divulgação, nem sabia que havia fadistas no Brasil. Quando soube, os meus questionamentos, citados acima, se tornaram mais vivos em mim. Percebia que apesar de, muitas vezes, o imigrante não ter o hábito de ouvir o fado, de não ser um amante do gênero, ainda assim, tem uma imensa admiração e respeito por ele, parando para escutá-lo como uma maneira de matar as saudades da sua terra.

Vejo que muitos imigrantes que vieram para o Brasil, mesmo não tendo o hábito de ouvir fado em Portugal, acabaram se identificando com este tipo musical, ao ponto de se sentirem mais portugueses ao ouvir ou cantar o fado - mesmo sendo esta música típica lisboeta. É como se o fado fosse o principal elo de ligação entre o imigrante e seu país, algo muito interessante, haja vista o fato de muitas dessas pessoas passarem a ouvir o fado somente ao chegar no Brasil.

Enfim, é o desejo manter-se vinculado ao seu país de origem, como vemos na obra de Heloísa Paulo, *Aqui também é Portugal*: assim como os periódicos, os programas de rádio e algumas instituições dedicadas à colônia portuguesa, o fado teve participação importante na constituição da identidade portuguesa entre os imigrantes. É claro que isso tinha a ver com a fama internacional que o fado tinha naquele período, mas penso que isso ia um pouco mais além: o fado era uma maneira de os portugueses se sentirem parte de um só sentimento, da saudade. Enfim, penso que o fado pode ter sido uma maneira de unir a comunidade portuguesa.

Nas obras mais antigas que encontramos a respeito deste tipo musical (escritas entre o fim do século XIX e início do século XX) , percebemos um discurso que deixa em evidência a idéia de que nas músicas e nas letras encontram-se características

psicológicas do povo português, uma generalização, idéia que demonstra uma noção de identidade. Isso porque já naquela época o fado se espalhava pelo país.

Nos anos 1940, isso se potencializou, já que havia apoio dos meios de comunicação, havia ampla divulgação, ao ponto de o fado tornar-se conhecido internacionalmente. E isso permanece: até hoje, em entrevistas que vemos na televisão ou em filmes ou mesmo em shows percebemos o mesmo discurso, tanto da parte de artistas, como da parte do público: que o fado caracteriza a identidade portuguesa.

Portanto, acreditamos na possibilidade de falar da existência de uma memória do fado, já que “a memória é um sentimento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”<sup>2</sup>

E quando penso em memória do fado, penso em referências históricas para o fado, como a mítica Maria Severa Onofriana<sup>3</sup> e a não menos mítica Amália Rodrigues, juntamente com a intitulada “época de ouro do fado”. Acredito que são estes fatores relevantes e que devem ser considerados em nossa análise de fontes, pois são eles importantes símbolos para qualquer pessoa que conheça e tenha o hábito de ouvir fado.

Nas entrevistas, estas eram referências recorrentes: dentre outras intérpretes, Amália é a que mais inspirou as artistas no início de suas carreiras – e inspira até os dias de hoje. E a “época de ouro”, é lembrada com saudades, como uma condição que possivelmente não será mais alcançada, afinal de contas, não haverá outra Amália Rodrigues.

As três artistas iniciaram suas carreiras no fim deste período, pois como disse acima, chegaram ao Brasil ainda muito jovens na década de 1950. E apesar de nos anos 1960 o fado já carregar alguma associação com o regime salazarista, aqui no Brasil havia ainda muita popularidade. Hoje em dia nem tanto.

Até os anos 1990, ainda havia na televisão programas dedicados à música portuguesa, no rádio havia ainda mais programas assim. Contudo, infelizmente, eles

---

<sup>2</sup> POLLAK, Michael. “Memória e identidade social” In *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

<sup>3</sup> Esta foi a fadista mais antiga que se tem conhecimento. Por isso é considerada a fundadora do fado e um mito neste gênero musical, pois dizia-se, na altura, que ninguém cantava como ela. Era uma prostituta. Viveu em Lisboa na primeira metade do século XIX e teve muitos amantes, sendo um deles da alta sociedade lisboeta. O romance entre os dois, assim como sua vida, ficou eternizada na novela “A Severa” (1901), de Júlio Dantas, que foi filmada em 1931 por José Leitão de Barros em filme homônimo, sendo ele o primeiro longa-metragem sonoro do cinema português.

vêm se extinguindo com o passar dos anos: a falta de patrocínio, de divulgação e de incentivo dos representantes do governo português no Brasil são as principais justificativas. Ainda assim, estes artistas resistem bravamente, fazendo o que podem para divulgar seus trabalhos e a cultura portuguesa, passando por cima de todos os obstáculos.

A experiência das entrevistas foi ótima: saí do Rio de Janeiro disposta a travar esses encontros, o que me valeu muito a pena. Não apenas pelo quanto aprendi e pelo quanto conheci com essas pessoas, como também pela amizade que se iniciou ali. Sabia que isso poderia ser uma consequência, mas não imaginei que fosse tudo tão intenso em tão pouco tempo. O carinho com que todas me receberam foi algo que ficou marcado. O simples fato de darmos voz e atenção ao trabalho destes artistas não é apenas uma ajuda para a cultura portuguesa, como também uma demonstração de amizade para cada um deles.

Havia preparado um roteiro bem direcionado para as principais questões do meu trabalho: a idéia de fado e identidade, e memória da “época de ouro” e noção do fado como um dos elementos de coesão da comunidade portuguesa. Acredito que, até o momento, essas entrevistas têm se mostrado suficientes para mim, ainda em fase inicial de construção da dissertação, já que qualifico até o fim do mês de agosto de 2010, e não passei, efetivamente, para a parte de análise de fontes. Embora sejam cinco os artistas que concordaram em me ajudar na pesquisa, consegui entrevistar apenas três deles, duas na cidade de São Paulo e uma na cidade de Pirassununga, estado de São Paulo.

A primeira artista com quem conversei foi a Adélia Pedrosa, há quase dois anos atrás, por telefone, enquanto elaborava o meu projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga no curso de mestrado em História da UERJ. Antes disso eu não sabia da existência de tantos artistas portugueses que cantam o fado aqui no Brasil. Entrei em contato com a Adélia por meio de sua filha. No entanto, ela foi a última pessoa a ser entrevistada – pelo menos por enquanto já que ainda faltam dois artistas: Maria Alcina e Mário Simões. Em seguida, entrei em contato com Teresinha Alves. Esta sim, foi a primeira artista com quem conversei pessoalmente. Ela mesma me recebeu em sua casa, no bairro dos Perdizes, na cidade de São Paulo. No dia seguinte, foi a vez de Maria de Lourdes Sampaio, também moradora de São Paulo, no bairro da Vila Olímpia. E dias depois, foi a vez de Adélia Pedrosa, que me hospedou durante dois dias em sua casa, em Pirassununga.

Nas três narrativas percebi o mesmo discurso, com pouquíssimas divergências em alguns pontos isolados, mas pelo menos nos pontos mais importantes, mais gerais, percebi que as três estavam em perfeita sintonia. Ainda não posso tirar muitas conclusões pois faltam ainda dois artistas para entrevistar no Rio de Janeiro, como disse acima, sem contar que podem surgir ainda outras questões a serem analisadas.

Nenhum dos entrevistados é de Lisboa, são todos das regiões central e norte de Portugal e passaram a ter um contato intenso com o fado aqui no Brasil. Ou melhor, das três, apenas Teresinha tinha o hábito de ouvir fado em Portugal: natural de Vila Verde, distrito de Braga, foi morar em Lisboa aos 12 anos, onde conheceu e se apaixonou pelo fado. Veio para o Brasil aos quinze anos, em 1954.

A princípio, vivendo no bairro de São Cristóvão, odiou o Brasil. Mas, ao se deparar com a artista brasileira Irene Coelho, que era casada com um português, interpretando folclores e fado, Teresinha encontrou o seu lugar: nas casas e restaurantes, ela se sentia mais portuguesa, como se estivesse mais próxima de sua terra natal. Cerca de um ano depois, começou a cantar no restaurante Parreira do Rio Lima, convidada pela cantora Maria José Vilar.

Com seu cantar grave, ficou conhecida como “A voz quente do fado”. Por ter se encontrado aqui no Brasil, ou melhor, por ter se identificado ainda mais com este tipo musical, quando foi morar no Rio de Janeiro, talvez Teresinha tenha percebido o quanto deve da sua vida a Portugal. Gosta muito do Brasil, mas diferentes das outras artistas com quem conservei, ela, se pudesse, voltaria a viver em Portugal. Não se acha nem um pouco brasileira:

“Continuo a ser muito portuguesa. Bem portuguesa. Sou cem por cento portuguesa. Mas gosto muito do Brasil. Se me dessem a escolher, eu queria morrer em Portugal, queria estar lá. Mas como eu vim pra cá e estou há muitos anos aqui, tenho minha vida toda aqui. Então eu adoro o Brasil! Mas eu opto por Portugal, se me derem pra escolher, né? Não sei.. sou filha de portugueses!”

Já Adélia e Lourdes, quando meninas, estavam mais habituadas ao folclore português – não só por viverem em lugares pequenos, como também pelos motivos expostos acima. No caso específico de Maria de Lourdes nascida no distrito de Viseu, chegou ao Brasil em 1956.

Passou a cantar profissionalmente anos depois, ainda jovem, no programa de

televisão ao vivo “Caravela da Saudade”, nos anos 1965. Seu repertório, portanto, é bem variado. Canta tanto fado, quanto músicas folclóricas. Isso se deve ao fato de ela, ainda menina, participar, aqui no Brasil de festas e concursos musicais com sua irmã, cuja temática era sempre o folclore português. Tudo isso incentivada pela mãe: era ela que inscrevia suas filhas em concursos a fim de promover um maior contato das meninas com a cultura do seu país de origem, pois, segundo ela, perguntada se freqüentava casas típicas e restaurantes logo quando chegou de seu país de origem, respondeu que não:

“Eu comecei a participar, aí sim, intensamente, a partir do dia que minha mãe disse: 'Vão se inscrever no concurso' e nós, então, começamos a conviver com a cultura portuguesa aqui no Brasil. Porque até então a gente vivia no meio dos brasileiros, tirando a família, naturalmente. Mas aí eu fui introduzindo a cultura portuguesa no meu dia-a-dia através da minha profissão, entendeu? Se eu não fosse artista, possivelmente a minha cultura estaria de lado.”

Em sua fala, percebemos o quanto Lourdes credita o amor às suas raízes aos esforços da colônia portuguesa manter suas tradições vivas aqui no Brasil. Se não fosse isso, e a preocupação de sua mãe, ela seria mais brasileira. Cheguei a perguntar se ela se considerava mais portuguesa ou mais brasileira e o que percebi foi um amor muito grande ao Brasil: ela não voltaria a viver em Portugal, mas de suas raízes nunca abriria mão. Apesar da pouca idade na época em que chegou aqui, o amor que nutre por Portugal, pela sua nacionalidade, é muito grande.

Adélia também começou a ouvir fado aqui no Brasil, mas sempre cantou, desde muito pequena em sua terra natal, em uma colônia de pescadores, na praia de Pedrógão, em Leiria. Veio para o Brasil aos doze anos, em 1954, passando a viver novamente em uma colônia de pescadores, no Caju, entre outros imigrantes portugueses. Lá continuava a cantar enquanto brincava ou fazia suas tarefas. Sonhava em ser cantora, mas nunca levou a sério. Era apenas um sonho de menina. Até que foi ao programa de rádio de Joaquim Pimentel<sup>4</sup>, onde seu talento foi revelado. A partir de então, começou a cantar

---

<sup>4</sup> Este homem foi um dos maiores divulgadores da cultura portuguesa no Brasil. Seu programa de rádio teve uma longa existência: nasceu em 1942 e teve fim em fevereiro de 2010, por falta de patrocínio – assim como outros programas portugueses. Por este motivo, a filha de Adélia Pedrosa, junto com o radialista Carvalho de Oliveira montaram a Rádio Web Portugal que teve sua estréia no dia 01/04/2010. Ver aqui:

profissionalmente no restaurante Fado, propriedade do, também cantor e amigo, Tony de Matos.

As narrativas fizeram, até o momento, com que eu confirmasse a minha idéia de que aqui no Brasil o fado serviu como uma importante parte integrante da identidade portuguesa: mesmo não tendo tanta intimidade com este tipo de música, ao chegarem ao Brasil, as três abraçaram o fado como se ele fosse o principal elo de ligação entre elas e Portugal. Maria de Lourdes vai um pouco mais além, pois é muito ligada ao folclore, mas as três estão em sintonia com relação ao fado: é ele que as mantém portuguesas.

Adélia Pedrosa foi bem específica, respondendo por todas elas o que significa o fado. Todas me deram a mesma resposta, mas Adélia foi direto ao ponto:

“O fado pra mim é... Bem o significado da palavra fado é destino, é vida, né? E realmente o fado na minha vida foi tudo pra mim: foi meu destino, a minha... a minha luta diária, foi o meu querer amar, o meu querer me dar, entregar por inteiro à música. Foi tudo. Foi tudo. (...) O fado é a fala do nosso povo. É a música de um povo, é a história de um povo. Como o samba é pro Brasil, é a mesma coisa. Brasil é... O tango na Argentina...E o fado é o nosso fado. Você vê: o nosso povo, ele era... é um povo sentimental, por isso o nosso fado é uma música sentimental. Existem vários estilos de música, mas fado, fado é... nosso fado é a nossa luz, é nosso sangue é a nossa luta, sei lá... é aquilo que a gente vive no nosso dia-a-dia.”

A conversa com as três artistas, em especial este trecho da fala de Adélia me fez lembrar dos sentimento transmitido pelo fado, da saudade, do orgulho da origem portuguesa. Como no *Fado Malhoa*, poema de José Galhardo (consagrado na voz de Amália Rodrigues) em homenagem à obra *O Fado*, de José Malhoa, pintor que, segundo os versos, fez “o mais português dos quadros a óleo”. Enfim, as entrevistas têm confirmado o que ando pensando com relação à problemática da minha pesquisa – sim, o fado é importantíssimo na constituição da identidade do imigrante português.

Por outro lado, têm me chamado atenção para o quanto o folclore português é forte entre esses imigrantes, já que muitos dos portugueses que se reúne aqui no Brasil em eventos da colônia lusa, vai para ver o folclore. Afinal de contas, a maior parte destas pessoas que veio viver no Brasil é composta por pessoas provenientes de regiões

rurais de Portugal.

Mesmo assim, dentro desta maioria, é impressionante a força do fado. Ele conseguiu conquistar alguns destes portugueses, passando a ser o principal elemento em sua portugalidade. Em destaque, em minha pesquisa, estão estes casos particulares de pessoas que abraçaram o fado de tal maneira que fizeram nele suas carreiras artísticas. Certamente, esse interessante fenômeno tem a ver com a com a popularização que o fado alcançava desde o princípio do século XX, popularização esta reforçada pela posição tomada pelo Estado Novo português ao fim da Segunda Guerra Mundial.

### **FONTES:**

1. Entrevista concedida por Teresinha Alves no dia 18 de novembro de 2010, em sua casa na cidade de São Paulo.
2. Entrevista concedida por Maria de Lourdes Sampaio no dia 19 de novembro de 2010, em sua casa na cidade de São Paulo.
3. Entrevista concedida por Adélia Pedrosa nos dias 23 e 24 de novembro de 2010, em sua casa, na cidade de Pirassununga.

### **BIBLIOGRAFIA:**

1. CARVALHO, Pinto de. História do Fado. Lisboa: D. Quixote, 1982.
1. CUNHA, Luís. *A Nação nas Malhas da Sua Identidade: o Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
2. LOBO, Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 2001.
3. MELO, Daniel. *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.
4. MOITA, Luís. *O Fado: Canção de Vencidos*. Lisboa: Empresa do Anuário Comercial, 1936.
5. MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA. *Fado: Vozes e Sombras*. Lisboa: Electa, 1995.
6. NERY, Rui Vieira. *Para uma História do Fado*. Lisboa: O Público, 2004.
2. PAULO, Heloísa. *Aqui também é Portugal – A Colónia Portuguesa e o Brasil*. Coimbra, Quarteto Editora, 2000.
3. \_\_\_\_\_. *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: SPI e o DIP*.

Coimbra: Livraria Minerva, 1994.

4. PEREIRA, Miriam Halpern. *A política Portuguesa de Emigração (1850-1930)*. Lisboa: Regra do Jogo, 1981.
7. SUCENA, Eduardo. *Lisboa, o Fado e os Fadistas*. Lisboa: Vega, 2002.